



Roteiro polos espazos vitais e literarios de Eça de Queiroz

Santa Cruz do Douro, 6 de decembro de 2025

Código en fprofe: G2503005



**XUNTA
DE GALICIA**

CONSELLERÍA DE EDUCACIÓN,
CIENCIA, UNIVERSIDADES E
FORMACIÓN PROFESIONAL

Índice

Ponto 1	— Praça do Almada em Póvoa do Varzim	03
Ponto 2	— Igreja Matriz de Vila do Conde.....	06
Ponto 3	— Rua da Costa em Vila do Conde.....	08
Ponto 4	— Resende	09
Ponto 5	— Mosteiro de Santa Maria Cárquere	14
Ponto 6	— Torre da Lagariça	17
Ponto 7	— Rio Cabrum	20
Ponto 8	— Estação de Caldas de Aregos	23
Ponto 9	— Caminho de Jacinto	27
Ponto 10	— Quinta de Vila Nova	32
Ponto 11	— Baião	34
Biografia de Eça de Queiroz		35

Ponto 1 — Praça do Almada — Póvoa do Varzim

José Maria de Eça de Queiroz¹ nasceu em **25 de novembro de 1845**, numa casa da **Praça do Almada** na Póvoa de Varzim, no então número 1 ao 3 do Largo de São Sebastião (hoje Largo Eça de Queiroz), no centro da cidade, em casa da irmã de sua mãe, Augusta Emília Amélia Pereira d'Eça.

Você, bem sei, acha isto risível.

Mas, que diabo! Você é um poeta, um orador, um lutador... e eu sou apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim.

Carta de Eça de Queiroz a Pinheiro Chagas.

Eça era filho de **José Maria Teixeira de Queiroz**, de 25 anos, nascido no Rio de Janeiro em 1820, era magistrado e par do reino e delegado do procurador régio, formado em Direito por Coimbra. Foi juiz instrutor do célebre processo de Camilo Castelo Branco², juiz da Relação e do Supremo Tribunal de Justiça, presidente do Tribunal do Comércio, deputado por Aveiro, fidalgo cavaleiro da Casa Real, par do Reino e do Conselho de Sua Majestade. Foi ainda escritor



¹ A ortografia dos nomes próprios sempre gerou muita polémica. Queirós ou Queiroz é assunto já muito debatido, uma vez que o nome do romancista Eça aparece escrito de maneiras diferentes nas suas obras ou sobre ele. Eça é «Queiroz» no registo de nascimento, nos documentos da época, na Fundação com o seu nome, nos dicionários queirosianos, no nome inscrito na estátua que Teixeira Lopes lhe dedicou, mas passou a «Queirós» em vários estudos e reedições da sua obra. Há quem defenda a grafia «Queirós». Os seus defensores alegam que esta é a forma recomendada segundo a ortografia atual. Evanildo Bechara, da Academia Brasileira de Letras, por exemplo, explica que pela nova ortografia os nomes próprios são usados conforme o registo do nascimento pela própria pessoa (Eça foi registado como Queiroz), mas nada impede que os outros escrevam segundo as normas vigentes (no caso, Queirós). Segundo Bechara, as duas grafias estão corretas. Consultemos, então, os documentos que regulam a ortografia do português. De acordo com as *Bases Analíticas do Acordo Ortográfico* de 1945, Base L, «Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume, adopte na assinatura do seu nome. Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registo público». Segundo o texto do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), Base XXI, os nomes que são alvo de registo ou proteção legal, como nomes de pessoas, firmas, sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registo público, não têm de ser alterados. Conclui-se, assim, que as grafias de nomes próprios não sofrem nenhuma alteração. Ambas as grafias estão corretas, mas se por registo Eça é Queiroz, então deveria usar-se esta a grafia no caso do nome do romancista, forma que foi respeitada pela Fundação com o seu nome e é, também, a grafia usada numa recente edição de Os Maias, com uma nova fixação do texto, da responsabilidade de Helder Guégués, com a chancela da Guerra & Paz. Importa, acima de tudo, não errar neste pormenor: Queiroz, por terminar em z, não leva acento; Queirós, com acento porque termina em s.
<https://porticodalinguaportuguesa.pt/index.php/academia/pareceres-academicos/item/eca-de-queiros-ou-eca-de-queiroz>

² Um dos mais famosos processos expostos no Museu do Tribunal da Relação do Porto diz respeito à acusação de adultério de Ana Plácido e Camilo Castelo Branco (1859-61). Julgados na cidade e encarcerados na cadeia da Relação do Porto entre 1 de outubro de 1860 e 16 de outubro de 1861: durante 383 noites, enquanto decorriam as investigações e as posteriores sessões do tribunal, o processo espoletou um enorme interesse mediático, dividindo a sociedade e a opinião pública portuguesa. O próprio rei D. Pedro V fez questão de visitar o réu no cárcere por duas vezes (em 1860 e 1861).



Carolina Augusta Pereira de Eça de Queiroz (Monção, Viana do Castelo, 07 de agosto de 1826 - 1908 e **José Maria Teixeira de Queiroz** (Rio de Janeiro, 1820 - Praça de D. Pedro, 26, 4.º, Santa Justa, Lisboa, 30 de janeiro de 1901)

e poeta. Convivia regularmente com Camilo Castelo Branco, quando este vinha à Póvoa para se divertir no Largo do Café Chinês.

A mãe, **Carolina Augusta Pereira de Eça**³, órfã de 19 anos, filha do falecido tenente-coronel José Antônio Pereira de Eça⁴, nasceu em Monção em 07 de agosto de 1826, residia em Viana do Castelo com a mãe. Dado os seus pais não serem então casados (considerado indecente naquela época e naquela classe social), para ocultarem a maternidade assentaram levar a menina para a residência da irmã, Augusta Emília Amélia Pereira d'Eça, casada com Francisco Augusto Pereira Soromenho, funcionário aduaneiro da Póvoa de Varzim que morava na Praça do Almada, onde, a 25 de Novembro de 1845, nasceu Eça.

A história do casal tem contornos misteriosos, fama de birras, ecos de duas casas iguais em dignidade e com pais obstinados, à maneira de Shakespeare. Nada se sabe sobre a origem deste romance entre Carolina Augusta e José Maria Teixeira de Queiroz. Mas há quem tenha atribuído a ausência de alianças prévias ao nascimento de José Maria ao forte temperamento de Carolina Augusta, cujos olhos escuros e porte elegante esconderiam um «génio violentíssimo», e a uma vergonha enraivecida perante o sucedido que a

fizeram recusar o pretendente – até que a mãe, ao finar-se deste mundo, a obrigara a prometer que se casaria. Outros estudiosos fizeram contas ao calendário, suspeitando de oposição materna, crendo que Ana Clementina de Abreu e Castro Pereira d'Eça desdenhou o candidato à mão da sua filha: o facto é que, seis dias após a morte desta matriarca, e órfã de pai há 16 anos, Carolina Augusta casou-se finalmente com José Maria na Igreja de Santo António, em Viana do Castelo, a 3 de setembro de 1849. O filho de ambos tinha, então, 4 anos. «Era muito inteligente, muito irónica e todos lhe achavam muita graça. Depois de casados, muito felizes não foram; nunca,



Celebração de 1906 na Póvoa de Varzim com a colocação de uma placa comemorando o nascimento de Eça naquela casa da Praça do Almada.

³ Os orgulhosos Eça eram uma dinastia respeitável, com tradições e medalhas na vida militar de que gostavam de se gabar: acreditavam ser descendentes do infante D. João, filho do rei D. Pedro e de Inês de Casto; tinham pergaminhos fundadores em Viana do Castelo datados do século XVII, como prole herdeira do padre Martinho Pereira d'Eça; e o avô da criança, José António Pereira d'Eça, um liberal convicto com patente de coronel, destacara-se no folclore familiar com a história de um garboso cavalo branco que lhe fora oferecido por D. Pedro IV, um presente que lhe teria posto a vida em perigo: ao entrar no Porto, um miguelista confundira-o com o monarca liberal e disparara um tiro com intenção regicida. Não fosse a má pontaria do seguidor de Miguel I, o Usurpador (assim designado por ter deposto a sua sobrinha, D. Maria II), e haveria uma lápide precoce no talhão familiar.

⁴ O avô e o bisavô materno de Eça de Queirós foram respetivamente o coronel José António Pereira d'Eça e o tenente-coronel Francisco António Pereira de Eça, ambos naturais de Valença. Por sua vez, o seu trisavô – sargento-mor António Pereira d'Eça – era natural de Celorico de Basto e foi governador do Forte da Ínsua, em Caminha. Outros ancestrais do escritor também eram minhotos.

porque ela era muito especial. Muito interessante, muito elegante. Mas autoritária», afiançou D. Maria d'Eça, sobrinha-neta, anos mais tarde, ao jornalista Severino Costa.

Tementes aos rigorosos preceitos morais da sociedade portuguesa oitocentista, José e Carolina Augusta tomaram a decisão de rejeitar o recém-nascido, nenhum o levando consigo para o regaço doméstico. O menino, é entregue aos cuidados de uma ama-de-leite, **Ana Joaquina Leal de Barros**, também sua madrinha de baptismo, em Vila do Conde, pessoa da confiança do avô paterno da criança. Algo não correu bem na sua infância com referência a episódios incestuosos em criança relatados no diário de sua prima. Episódios que mais tarde ele transporia para a sua obra fosse entre primos (*O Primo Basílio*), entre irmãos (*Os Maias*), entre mãe e filho (*A Tragédia da Rua das Flores*) ou, na versão mais blasfema, com um padre, representante do pai comum (*O Crime do Padre Amaro*).

Texto 1

Era o Outono de 1845. Os dias andavam cheios de grandes chuvas. Uma rapariga, envergando roupas de viagem, saía de uma carruagem na Póvoa de Varzim. Chegara de Viana do Castelo. Quando as contrações começaram, Carolina Augusta, assim se chamava, fora despachada pela mãe, Ana Clementina de Abreu e Castro Pereira d'Eça, para o domicílio de uma tia-avó. Convinha que o parto se realizasse fora do local de residência da família, onde toda a gente gostava de inquirir da vida dos outros. A 25 de Novembro, entre casas brancas e barcos de pesca, nascia José Maria Eça de Queirós.

A criança poderia ter sido entregue na «Roda», a vetusta instituição gerida pela Misericórdia, onde eram depositados os filhos indesejados. Por coincidência, a da Póvoa de Varzim ficava situada mesmo em frente da casa onde o menino viria a nascer, mas Carolina Augusta e o pai da criança, o Dr. José Maria Teixeira de Queirós, quiseram manter o filho. Não era possível, sabiam-no, trazê-lo de volta com eles: nem para Viana, onde vivia Carolina Augusta, nem para Ponte de Lima, onde o Dr. Teixeira de Queirós era delegado do procurador régio.

Nenhuma mãe abandona, de ânimo leve, a criança que acaba de dar à luz. Resignada, regressou ao lar materno (o pai, o coronel José António Pereira d'Eça, já tinha morrido). O menino ficou em Vila do Conde, entregue a uma ama. Esta, oriunda de Pernambuco era filha natural de uma criada que estivera ao serviço do avô paterno da criança, aquando da estada deste no Brasil. Antes de José Maria nascer, já este avô desempenhara um papel crucial na sua vida. A 18 de Novembro de 1845, ou seja, uma semana antes do parto, o pai da criança escrevia a Carolina Augusta, dizendo ter recebido instruções de seu próprio pai, no sentido de ser este a orientar «a criação do meu filho», oferecendo-se «para o mandar criar no Porto, em companhia de minha família, quando a senhora nisto convenha». Informava-a do facto de o desembargador Queirós ter recomendado que, no assento do baptismo, se declarasse ser a criança filha de pai conhecido, «sem, todavia, se enunciar o nome da mãe».

Maria Filomena Mónica, *Eça de Queirós*, Editora Quetzal, Lisboa, 2001.

Texto 2

Amaro então chegou-se por detrás dela, cruzou-lhe os braços sobre o seio, apertou-a toda —e estendendo os lábios por sobre os dela, deu-lhe um beijo

mudo, muito longo... Os olhos de Amélia cerravam-se, a cabeça inclinava-se -lhe para trás, pesada de desejo. Os beijos do padre não se desprendiam, ávidos, sorvendo-lhe a alma. A respiração dela apressava-se, os joelhos tremiam-lhe: e com um gemido desfaleceu sobre o ombro do padre, descorada e morta de gozo.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *O Crime do Padre Amaro*, (1875).

Texto 3

Ele tenteava, procurando na brancura da roupa: encontrou um joelho, a que percebia a forma e o calor suave, através da seda leve: e ali esqueceu a mão, aberta e frouxa, como morta, num entorpecimento onde toda a vontade e toda a consciência se lhe fundiam, deixando-lhe apenas a sensação daquela pele quente e macia, onde a sua palma pousava. Um suspiro, um pequenino suspiro de criança, fugiu dos lábios de Maria, morreu na sombra. Carlos sentiu a quentura de desejo que vinha dela, que o entontecia, terrível como o bafo ardente de um abismo, escancarado na terra a seus pés. Ainda balbuciou: «Não, não...» Mas ela estendeu os braços, envolveu-lhe o pescoço, puxando-o para si, num murmúrio que era como a continuação do suspiro, e em que o nome de querido sussurrava e tremia. Sem resistência, como um corpo morto que um sopro impele, ele caiu-lhe sobre o seio. Os seus lábios secos acharam-se colados, num beijo aberto que os humedecia. E de repente, Carlos enlaçou-a furiosamente, esmagando-a e sugando-a, numa paixão e num desespero que fez tremer todo o leito.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias* (1888).

Texto 4

São Paulo, 7/10/59

Meu imenso amor, minha querida Mécia

(...) Esta manhã, fui à Cosipa cumprimentar o director, o Plínio de Queiroz (é primo do Eça, pertence ao ramo brasileiro da família, e, revelação sensacional, o incesto dos Maias passou-se com uma tia dele e um tio, história que o Eça conhecia! – nem isto, que toda a gente sempre achou absurdo o Eça inventou!). (...)

Tem serenidade, meu Amor – a estas horas de receber esta carta, por força há muito recebeste tudo. Até breve, querida. Beijos, beijos, beijos do teu do coração que te abraça cheio de saudades.

Jorge

in *Correspondência Jorge de Sena e Mécia de Sena* «Vita Nuova» (Brasil, 1959-1965).

Ponto 2 — Igreja Matriz de Vila do Conde

Dado os seus pais não serem então casados, este parente, de certo relevo local, chefe da alfândega local, preferiu que o baptismo fosse realizado na Igreja Matriz de Vila do Conde, em vez da matriz local, muito próxima da casa, e fosse ocultado o nome da mãe, por instrução do pai Teixeira de Queiroz.

No sexto dia, após o nascimento, **1 de dezembro 1845**, a ama levou-o à Igreja Matriz de Vila do Conde, para ser batizado pelo Padre Pedro António da Silva Coelho. O assento, da cerimónia, foi escrito pelo Prior Domingos da Soledade Sillos. Sob a solitária vigilância do Senhor dos Aflitos (padroeiro profetizador das muitas desventuras monetárias e das maleitas gástricas que assombrarão o percurso futuro do autor de *Os Maias*), nenhum membro da família esteve presente. Figura como madrinha Ana Joaquina Leal de Barros, brasileira, casada com António Fernandes do Carmo, padrinho.

À certidão de batismo, que abre deste modo: «José Maria —filho natural de José Maria d'Almeida de Teixeira de Queiroz e de mãe incógnita», ficará apenas uma estranha carta, alvo de várias interpretações, que o pai do recém-nascido escreve à mãe da criança:

Ponte de Lima, 18 de novembro de 1845

Senhora: Recebi carta de meu pai, que novamente me recomenda a criação de meu filho, e se me oferece para mandá-lo criar no Porto, em companhia da minha família, quando a senhora nisto convenha. Espero, pois, a sua resposta para nessa inteligência escrever a meu pai. Ele me recomenda igualmente —e também o desejo— que no Assento do Batismo se declare ser meu filho, sem todavia se enunciar o nome da mãe. Isto é essencial para o futuro de meu filho, e para que, no caso de se verificar o meu casamento consigo — o que talvez haja de acontecer brevemente — não seja precisa em tempo algum justificação de filiação. Espero se ponha ao nosso filho o meu, ou o seu nome, conforme deve ser.

Adeus, Acredite sempre nas minhas sinceras tenções —e agora mais do que nunca — Queiroz.

Entretanto, a 3 de Setembro de 1849, o pai, agora advogado em Viana do Castelo, casa, na Igreja do Convento Santo António de Viana, com D. Carolina Augusta, mãe de Eça; sete meses passados (7 de Abril), o avó paterno, do futuro escritor, morre em Aveiro, na casa de Verdemilho. Pouco depois, a ama de Eça, falecia, e o menino é entregue ao cuidado da avó paterna, a Sr.^a D. Teodora Joaquina d'Almeida.



Uma foto rara que retrata o escritor português Eça de Queiroz em Paris com a mulher, em 1890.

Como a avó falecesse em 1855, iliria, finalmente, Eça de Queirós desfrutar da convivência dos pais e irmãos que já haviam nascido? Não. «Estranho pareceria apresentar na cidade, onde o Dr. Teixeira de Queirós vai ocupar uma alta posição e onde antes (...) provavelmente residira, um filho de dez anos, subitamente chegado da província, e em que provavelmente o casal nunca falara». Assim, para não comprometer a posição dos pais, Eça de Queirós é enviado interno para o Colégio da Lapa⁵, onde permanece até realizar seus exames e partir para Coimbra. Não se sabe se tudo isso ocorre por azar ou se por sorte, fato é que foi nesse colégio que Eça de Queirós conhece e é educado por ninguém mais, ninguém menos que Joaquim Costa Ramalho, pai de Ramalho Ortigão, que viria a se tornar seu maior amigo. Conhecerá, também, neste colégio os irmãos Resende, Luís e Manuel, que virão a ser seus futuros cunhados

O pai vivia no Porto, era respeitado Juiz do 2º Distrito dessa cidade. Nada impedia de o considerar filho legítimo do casal, ou pelo menos deixá-lo passar os fins-de-semana em sua casa.

Verdade é que a mãe, Carolina Augusta, estranhamente, não mostrava interesse em legalizar a situação. Se aceitou casar foi devido à forte insistência da mãe. Mas, uma vez realizado o matrimónio, e mãe de três filhos, o que a impedia de o legalizar? Só após o filho a forçar, quando se casou com Emília de Castro Pamplona, a 10 de Fevereiro de 1886, é que o fez, a 25 de Dezembro de 1885, até à data, o «escritor» era filho de mãe incógnita.

Eça escusava-se a entregar a certidão de batismo a sua noiva. para preparar a documentação necessária. Em carta endereçada ao noivo, D. Emília, escreve: «A mamã recomenda-lhe que traga a certidão de Baptismo e de solteiro, e não só a mamã lho recomenda, mas também eu, e o Gago e o Cónego Guimarães, porque sem isso não podemos casar.»

O enlace, que teve o consentimento da família da noiva, foi realizado quase em segredo. Presentes o padrinho, Ramalho Ortigão, a Condessa do Covo, a mãe e o irmão da noiva. E os pais do noivo? Não apareceram. Dizem que o pai estava doente. Mas é de estranhar que os proclamas só corressem em seis freguesias portuenses.

Para rematar, é bom frisar que o pai do escritor, não esteve presente: no baptismo, no casamento, nem no funeral!

⁵ Residiu também, na Rua de Cedofeita com D. Carlota Pereira d'Eça, irmã da mãe.

Ponto 3 – Rua da Costa – Casa onde viveu em Vila do Conde

Na estreita e harmoniosa Rua da Costa, logo em frente ao Largo da Roda, podemos encontrar a casa onde viveu, na primeira infância José Maria Eça de Queiroz.

A maior parte dos seus biógrafos aponta como local de nascimento do escritor a Póvoa de Varzim, baseados na afirmação, que o próprio escreveu, *‘eu não sou mais do que um pobre homem da Póvoa de Varzim’*. Embora não haja a certeza sobre a sua verdadeira terra natal, Vila do Conde ou Póvoa de Varzim, sabe-se que foi em Vila do Conde que José Maria foi batizado, no dia 1 de Dezembro de 1845, na Igreja Matriz. Após o batismo, foi levado para casa de sua madrinha a costureira pernambucana, **Ana Joaquina Leal Barros** (casada com Antônio Fernandes do Carmo), que fora criada da família Pizarro Monteiro e vivia na Rua da Costa. E mais, que Ana Joaquina o amamentara. Fora, pois, ama, além de madrinha: em suma, a pessoa que Eça, nos seus primeiros anos, tivera por mãe. Por cá ficou, provavelmente, até aos 6 anos, altura em que vai viver para Aveiro para casa dos avós paternos.

Há outra teoria que diz que nasceu em Vila do Conde:

«Foi na Rua de S. Pedro [hoje do Costa] e na humilde choupana de sua madrinha Ana Joaquina Leal de Barros, casada com Antônio Fernandes do Carmo, que nasceu o talentoso romancista Eça de Queirós, nosso ilustre conterrâneo. Era então Ana Joaquina Leal de Barros costureira e o marido alfaiate, mais tarde oficial de diligências, e fazia parte da capela de D. Manuel Gil Ermida, músico espanhol que aqui veio fixar a sua residência.»

Deviam ter influído, para a escolha da casa de Ana Joaquina, as boas relações do pai de Eça com os magistrados locais que moravam perto de Ana Joaquina, bem como o fato de em frente a esta residir uma parteira⁶.

Finalmente venceu a Póvoa de Varzim, que conseguiu acumular provas no sentido de ter sido, realmente, o berço de Eça de Queiroz. Este, pouco depois de nascer, fora levado para Vila do Conde, onde se batizara, e onde passara a viver, na casa de Ana Joaquina.



⁶ Faro, A. (1977) *Eça e o Brasil*, Ed. da Universidade de São Paulo.

Ponto 4 – Resende

– Santa Olávia - Rua da Escola Secundária, Resende

Eça de Queiroz tem uma forte ligação a Resende, principalmente através do seu casamento com D. Emília de Castro, filha do 4º Conde de Resende⁷, cuja família era proprietária da Casa e Quinta do Paço.

Resende foi palco de três das mais conhecidas obras de Eça de Queiroz:

- Feirão, n' *O Crime do Padre Amaro* (1875).
- A Casa do Paço (Quinta de Santa Olávia), para *Os Maias* (1888).
- S. Cipriano e a sua Casa da Torre para *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

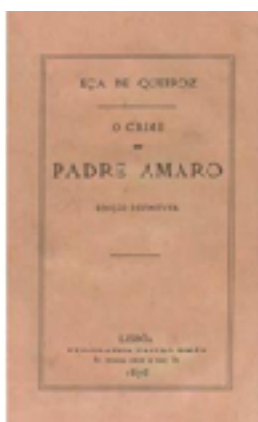
Em *Os Maias* (1888) conta-se a história de três gerações da família Maia e, embora a ação principal nesta obra se centre na Lisboa da segunda metade do séc. XIX, são inúmeras as menções, referências e descrições de uma quinta da família existente no Douro, **A Quinta de Santa Olávia**, em Resende

Santa Olávia aparece em *Os Maias* como um solar nas margens do Douro. Aí vivia a família Maia «desde a Regeneração» e aí regressava com frequência. Afonso gostava daquele espaço: «o que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes...» .

Santa Olávia ficava ao pé do rio Douro na sua margem esquerda. Esta quinta aparece como lugar do sossego, do repouso, símbolo da vitalidade. Aí recebeu Carlos da Maia a educação inglesa em constante contacto com o ar livre. E é aí que regressa, no fim da obra, antes de procurar os amigos em Lisboa.



Foto da fonte da antiga Casa do Paço, em Resende, que pertenceu aos Resendes-Castro (Foto Ideal).



A Quinta de Santa Olávia crê-se que seria na realidade a **Casa do Paço** pertença dos sogros de Eça, os Condes de Resende. Infelizmente já não existem vestígios da casa somente um chafariz da mesma que se encontra hoje num jardim particular e a capela de Santo António que ficava próxima desta.

⁷ António Benedito Maria do Coração do Santíssimo Sacramento e Castro (1820-1865) casou, em 1843, com Maria Balbina Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Miranda e Figueiroa (1819 – 1890), filha do 1.º Visconde de Beire.

Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas — e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e o seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para **Santa Olávia**, o rendimento da casa excedia já cinquenta mil cruzados: mas desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeia; viera também a herança de um último parente, Sebastião da Maia, que desde 1830 vivia em Nápoles, só ocupando-se de numismática: — e o procurador podia certamente sorrir com segurança quando falava dos Maias e da sua fatia de pão. (...)

Em **Santa Olávia** as chaminés ficavam acesas até Abril; depois ornavam-se de braçadas de flores, como um altar doméstico; e era ainda aí, nesse aroma e nessa frescura, que ele gozava melhor o seu cachimbo, o seu Tácito, ou o seu querido Rabelais.

Todavia, Afonso ainda ia longe, como ele dizia, de ser um velho borralheiro. Naquela idade, de Verão ou de Inverno, ao romper do Sol, estava a pé, saindo logo para a quinta, depois da sua boa oração da manhã que era um grande mergulho na água fria. Sempre tivera o amor supersticioso da água; e costumava dizer que nada havia melhor para o homem —que sabor de água, som de água e vista de água. O que o prendera mais a Santa Olávia fora a sua grande riqueza de águas vivas, nascentes, repuxos, tranquilo espelhar de águas paradas, fresco murmúrio de águas regantes... E a esta viva tonificação da água atribuía ele o ter vindo assim, desde o começo do século, sem uma dor e sem uma doença, mantendo a rica tradição de saúde da sua família, duro, resistente aos desgostos e anos —que passavam por ele, tão em vão, como passavam em vão, pelos seus robles de Santa Olávia, anos e vendavais (...)

(...) desde a Regeneração eles viviam retirados na sua **Quinta de Santa Olávia**, nas margens do Douro. (...) Os Maias eram uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas — e agora reduzida a dois varões, o senhor da casa, Afonso da Maia, um velho já, quase um antepassado, mais idoso que o século, e o seu neto Carlos que estudava medicina em Coimbra. Quando Afonso se retirara definitivamente para Santa Olávia, o rendimento da casa excedia já cinquenta mil cruzados: mas desde então tinham-se acumulado as economias de vinte anos de aldeia; viera também a herança de um último parente, Sebastião da Maia, que desde 1830 vivia em Nápoles, só ocupando-se de numismática: —e o procurador podia certamente sorrir com segurança quando falava dos Maias e da sua fatia de pão. (...).

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *Os Maias* (1888).

— Feirão⁸



O Crime do Padre Amaro (1880) cujo desenlace acontece no distrito de Leiria, mas onde se faz uma pequena alusão à freguesia de Feirão, que, situada no alto da serra de Montemuro, nos remete para outras vivências e realidades.

O padre, Amaro foi enviado à freguesia de Feirão, local remoto, habitado por pobres pastores, onde viveu dias tediosos. Com a ajuda financeira de sua irmã e a indicações políticas da filha de sua mentora, que havia se tornado condessa, ele consegue uma mudança para Leiria, sede do bispado.

Texto 6

O cônego, que não o via desde o seminário, achava -o mais forte, mais viril.

— Você era enfezadito...

— Foi o ar da serra, dizia o pároco, fez -me bem.

— Contou então a sua triste existência em Feirão, na alta Beira, durante a aspereza do inverno, só, com pastores. O cônego deitava -lhe o vinho de alto, fazendo -o espumar.

— Pois é beber -lhe, homem! É beber -lhe! Desta gota não pilhava você no seminário

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *O Crime do Padre Amaro*, (1875).

Texto 7

Dois meses depois Amaro foi nomeado pároco de Feirão, na Gralheira, serra da Beira Alta. Esteve ali desde outubro até ao fim das neves. Feirão é uma paróquia pobre de pastores e naquela época quase desabitada. Amaro passou o tempo muito ocioso, ruminando o seu tédio à lareira, ouvindo fora o inverno bramar na serra. Pela primavera vagaram nos distritos de Santarém e de Leiria paróquias populosas, com boas côngruas. Amaro escreveu logo à irmã contando a sua pobreza em Feirão; ela mandou-lhe, com recomendações de economia, doze moedas para ir a Lisboa requerer. Amaro partiu imediatamente. Os ares lavados e vivos da serra tinham-lhe fortificado o sangue; voltava robusto, direito, simpático, com uma boa cor na pele trigueira.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *O Crime do Padre Amaro*, (1875).

⁸ Com um único lugar, Feirão fica situada nas faldas de Montemuro, no extremo sudeste do concelho de Resende, já nos limites de Lamego e Castro Daire. É a freguesia mais pequena do concelho e também uma das mais altas do território nacional, situando-se acima dos 1000 metros de altitude. Aldeia simples, humilde e de gente boa, sincera e generosa. Lugar típico e de grande interesse turístico, onde se conservam as casas de colmo e onde o modo de viver das suas gentes nos fazem recuar no tempo e encontrar as raízes do nosso quotidiano mais profundo e genuíno. Poderá visitar também o Centro Interpretativo do Montemuro, situado na antiga escola primária, um espaço de natureza pedagógica e interpretativa constituído por uma área de exposições e uma de projeção multimédia.

—Não sei se incomodo...

Um homem alto, de bigode grisalho e óculos de ouro, voltou -se surpreso, com o charuto ao canto da boca e as mãos nos bolsos. Era o senhor conde.

—Sou Amaro...

—Ah, disse o conde, o senhor padre Amaro! Conheço muito bem! Tem a bondade... Minha mulher falou -me. Tem a bondade...

E dirigindo -se a um homem baixo e repleto, quase calvo, de calças brancas muito curtas:

—É a pessoa de quem lhe falei.

—Voltou -se para Amaro: — É o senhor ministro.

Amaro curvou -se, servilmente.

—O senhor padre Amaro, disse o conde de Ribamar, foi criado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu...

—Saiba o senhor conde que sim, disse Amaro que se conservava afastado, com o guarda-sol na mão.

—Minha sogra, que era toda devota e uma completa senhora, —já não há disso!— fê-lo padre. Houve até um legado, creio eu... Enfim, aqui o temos pároco... Onde, senhorpadre Amaro?

—Feirão, excelentíssimo senhor.

—Feirão!?... disse o ministro estranhando o nome.

—Na serra da Gralheira, informou logo o outro sujeito, ao lado. Era um homem magro, entalado numa sobrecasaca azul, muito branco de pele, com soberbas suíças dum negro de tinta e um admirável cabelo lustroso de pomada, apartado até ao cachaço numa risca perfeita.

—Enfim, resumiu o conde, um horror! Na serra, uma freguesia pobre, sem distrações, com um clima horrível...

—Eu meti já requerimento, excelentíssimo senhor, arriscou Amaro timidamente.

—Bem, bem, afirmou o ministro. Há de arranjar -se.

—E mascava o seu charuto.

—É uma justiça, disse o conde. Mais, é uma necessidade! Os homens novos e ativos devem estar nas paróquias difíceis, nas cidades... É claro! Mas não: olhe, lá ao pé da minha quinta, em Alcobaça, há um velho, um gotoso, um padre-mestre antigo, um imbecil!... Assim perde -se a fé.

—É verdade, disse o ministro, mas essas colocações nas boas paróquias devem naturalmente ser recompensas dos bons serviços. É necessário o estímulo...

—Perfeitamente, replicou o conde; mas serviços religiosos, profissionais, serviços à Igreja, não serviços aos Governos.

O homem das soberbas suíças negras teve um gesto de objeção.

—Não acha? perguntou -lhe o conde.

—Respeito muito a opinião de Vossa Excelência, mas se me permite... Sim, digo eu, os párocos na cidade são -nos dumgrande serviço nas crises eleitorais. Dum grande serviço!

—Pois sim. Mas...

—Olhe Vossa Excelência, continuou ele, sôfrego da palavra. Olhe Vossa Excelência em Tomar. Porque perdemos? Pela atitude dos párocos. Nada mais.

O conde acudiu:

—Mas perdão, não deve ser assim; a religião, o clero não são agentes eleitorais.

—Perdão... queria interromper o outro.

O conde suspendeu -o, com um gesto firme; e gravemente, em palavras pausadas, cheias da autoridade dum vasto entendimento:

—A religião, disse ele, pode, deve mesmo auxiliar os Governos no seu estabelecimento, operando, por assim dizer, como freio...

—Isso, isso! murmurou arrastadamente o ministro, cuspindo películas mascadas de charuto.

—Mas descer às intrigas, continuou o conde devagar, aos imbroglhos... Perdoe -me, meu caro amigo, mas não é dum cristão.

—Pois sou -o, senhor conde! exclamou o homem das suíças soberbas. Sou -o a valer! Mas também sou liberal. E entendo que no governo representativo... Sim, digo eu... Com as garantias mais sólidas...

—Olhe, interrompeu o conde, sabe o que isso faz? Desacredita o clero e desacredita a política.

—Mas são ou não as maiorias um princípio sagrado? gritava rubro o das suíças, acentuando o adjetivo.

—São um princípio respeitável.

—Upa! Upa, excelentíssimo senhor! Upa!

O padre Amaro escutava, imóvel.

—Minha mulher há de querer vê -lo, disse -lhe então o conde. E dirigindo -se a um reposteiro que levantou: —Entre. É o senhor padre Amaro, Joana!

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *O Crime do Padre Amaro*, (1875).

Texto 9

Ao outro dia Amaro, vendo no relógio que tinha à cabeceira que ia chegando a hora da missa, saltou alegremente da cama. E, enfiando o velho paletot que lhe servia de robe-de-chambre, pensava nessa outra manhã em Feirão em que acordara aterrado por ter na véspera, pela primeira vez depois de padre, pecado brutalmente sobre a palha da estrebaria da residência com a Joana Vaqueira. E não se atrevera a dizer missa com aquele crime na alma, que o abafava com um peso de penedo. Considerara -se contaminado, imundo, maduro para o Inferno, segundo todos os santos padres e o seráfico Concílio de Trento. Três vezes chegara à porta da igreja, três vezes recuara assombrado. Tinha a certeza de que, se ousasse tocar na Eucaristia com aquelas mãos com que repanhara os saíotes da Vaqueira, a capela se aluiria sobre ele, ou ficaria paralisado vendo erguer-se diante do sacrário, de espada alta, a figura rutilante de S. Miguel Vingador! Montara a cavalo e trotara duas horas, pelos barreiros de D. João, para ir à Gralheira confessar-se ao bom abade Sequeira... Ah! Era nos seus tempos de inocência, de exagerações piedosas e de terrores noviços! Agora tinha aberto os olhos em redor à realidade humana. Abades, cônegos, cardeais e monsenhores não pecavam sobre a palha da estrebaria, não —era em alcovas cómodas, com a ceia ao lado. E as igrejas não se aluíam, e S. Miguel Vingador não abandonava por tão pouco os confortos do Céu!

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *O Crime do Padre Amaro*, (1875).

Ponto 5 — Mosteiro de Santa Maria Cárquere



Santa Maria de Craquede pode ser **Santa Maria de Cárquere**, do antigo Mosteiro de mesmo nome. O romance –que se passa na zona de Resende– pode-se dizer que é uma homenagem de Eça de Queiroz à terra natal e à família de Emília de Castro Pamplona. De família nobre, Emília era a mulher com quem o escritor se casaria em 1886, no oratório particular da antiga Quinta de Santo Ovídio, na cidade do Porto.

Con tudo na obra de Eça fala-se, a propósito da igreja de Craquede, duma localização no fundo dum vale, e o mosteiro de Cárquere fica numa zona elevada, em plena serra de Montemuro, bem acima do nível do Douro.

Texto 10

Caminhavam então junto à ponte da Portela, onde os campos se alargam, e da estrada se avista Vila-Clara, que a lua branqueava toda, desde o convento de Santa Thereza, rente ao Chafariz, até ao muro novo do cemitério, no alto, com os seus finos ciprestes. Para o fundo do vale, clara também no luar, era a igrejinha de Craquede, Santa Maria de Craquede, resto do antigo Mosteiro em que ainda jaziam, nos seus rudes túmulos de granito, as grandes ossadas dos Ramires Afonsinos. Sob o arco, docemente, o riacho lento, arrastando entre os seixos, sussurrava na sombra.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

É justo, porém, que se diga que a aproximação entre Craquede e Cárquere não é abusiva. É claro, porém, que este edifício religioso verídico não é o modelo exclusivo do romancista para a construção do seu mosteiro ficcional, porque na maior parte dos detalhes concretos da descrição que se faz no romance, particularmente quando ali se encontram Gonçalo e D. Ana, ressaltam sobretudo as disparidades.

Texto 11

E então também o tomou [a Gonçalo] a curiosidade de visitar esse claustro onde não entrara desde pequeno – quando ainda a Torre conservava as suas carruagens



manhã o sacristão cuidadosamente varrerá. E contra o muro, onde rijas nervuras desenham outros arcos, avultam os sete imensos túmulos dos antiquíssimos Ramires, denegridos, lisos, sem um lavor, como toscas arcos de granito, alguns pesadamente encravados no lajedo, outros pousando sobre bolas que os séculos lascaram.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

Na verdade, os «rudes túmulos de granito» que Gonçalo encontra nas ruínas do claustro contíguo à igreja, não se encontram, no mosteiro de Cárquere, no claustro, hoje inexistente e transformado em cemitério moderno, mas no interior de uma pequena capela românica, que Eça não refere. Já ali se encontravam no século XVII. São quatro túmulos de pedra com tampa de perfil hexagonal decorada com toscas gravações das armas dos Resendes, assentando todos diretamente no lajedo

Da construção românica do complexo monástico de Cárquere, de que prevalece ainda a organização espacial, apenas resta hoje, além da torre, a fresta da capela funerária dos Resendes.

A Cárquere liga-se o poder senhorial desta família, cruzando-se aqui também a história e a lenda, que atribui a fundação deste Mosteiro a Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, após o milagre da cura das pernas do primeiro rei.

Santa Maria de Cárquere vem referido na Crónica de 1419 como local da cura milagrosa de D. Afonso Henriques. Egas Moniz da casa de Ribadouro teria pedido ao conde D. Henrique, que o deixasse ser o aio da descendência que esperava de D^a Teresa, independentemente de vir a ser um filho varão ou uma filha.

Nasceu então D. Afonso Henriques mas, segundo a lenda, o infante recém-nascido apresentava uma má formação nas pernas que fazia temer o pior:

«Quando veio o tempo que a Rainha houve seu filho grande e feroso mais que não podia mais ser moço da sua idade, senão tam soamente que tinha as pernas encolheitas, em guisa que todos dezião, assi mestres como os outros, que nunca mais podia ser são delas».

Recebendo Egas Moniz a incumbência que tinha rogado ao conde ao ser nomeado aio encarregado da educação do infante, ficou muito sensibilizado pela maleita do recém nascido:

«E, quando Egas Moniz viu tam bella criatura e o viu assim tolheito, ouve dela mui grande doo, pero, confiando em Deus que lhe poderia dar saude, tomou o moço e feze-o criar tam bem e tam honradamente como se fizera se fora são».

Então, quando a criança tinha cinco anos, o «milagre» aconteceu e Santa Maria «apareceu ao aio dizendo-lhe que buscasse um lugar onde existia uma igreja inacabada que lhe era dedicada e aí fizesse vigília e no altar colocasse a criança que seria curada.

Egas Moniz assim procedeu e a criança foi curada. Diz-se então que, por força deste milagre, foi construído nesta igreja o mosteiro por D. Henrique:

«E por este milagre que asi acontece o foi depois feito em esta igreja o mosteiro de Cárcere».

A fresta do panteão dos Resendes apresenta, no interior, uma ornamentação geométrica e, no exterior, os motivos das chamadas «beak-heads» [cabeça de animal com um bico proeminente].

Os capitéis exibem representações de aves. Da medievalidade são ainda as imagens da Virgem de Cárcere e da Virgem do Leite.

A primeira tem suscitado curiosidade pelas suas dimensões e, sobretudo, por ter sido encontrada, segundo a lenda, num local ermo próximo ao qual mais tarde se fundaria o Mosteiro.

A estrutura da Igreja mistura vários estilos: a abóbada nervurada e a janela da capela-mor são de cariz gótico, sendo o arranjo dos portais principal e lateral norte já de gosto manuelino.

As pinturas murais subsistentes na nave são do mesmo período da campanha manuelina e representam Santo António e Santa Luzia e um conjunto de anjos esvoaçantes.

Ponto 6 — Torre da Lagariça — São Cipriano (Santa Irenéia)



Está-se defronte da freguesia de São Cipriano. Esta é a Santa Irenéia da *Ilustre Casa de Ramires*. A Torre que na realidade pode não ser tão imponente como a descrita por Eça na obra que a perpétua, situa-se, no entanto, em local privilegiado, exercendo pleno domínio e destaque sobre a paisagem verdejante que a envolve.

Na obra *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), é contada a história de um fidalgo de província, Gonçalo Ramires, descendente de uma família nobre e antiga (anterior à formação de Portugal). Paralelamente ao desenlace de episódios da vida deste fidalgo, são-nos narrados por Gonçalo, um dos protagonistas, os feitos ilustres dos seus antepassados. É esta Casa o local central de toda esta obra, onde somos também apresentados com descrições de paisagens, lugares e imagens do quotidiano à época.

Desde tempos medievais viveu na Lagariça a família dos «Pintos», que eram fidalgos e senhores de Riba de Bestança, na Torre da Chã, e do paço de Covelas, no antigo concelho de Ferreiros. Gonçalo Martins Cochofel foi, provavelmente, o primeiro senhor da Lagariça e casou, nos princípios do século XVI, com D. Briolanja Pinto, da geração dos Pintos de Covelas. Durante a Idade Média, a Torre deve ter servido como atalaia de vigia de toda a região envolvente. Em 1610 seria pertença dos Pintos Cochoféis, os quais procederam a obras de adaptação da Torre para casa de residência da família. O nome Casa da Torre vem da existência da antiquíssima torre casteleja que está anexa ao solar. O solar com a torre foi declarado Imóvel de Interesse Público, por decreto de 29 de setembro de 1977. Esta casa passa por ser a «Ilustre Casa de Ramires» descrita no romance de Eça de Queiroz.

As dissemelhanças entre a ficção e o possível modelo são evidentes. A torre de Ramires é descrita tendo o aspeto de uma fortaleza medieval, com ameias incluídas, não sendo claramente esse o perfil do solar e da torre da Lagariça na época em que localiza a ação do romance. Por outro lado, o solar da Lagariça está visivelmente separado —ainda que não distante— da aldeia mais próxima (Matos), enquanto no romance queirosiana não parece existir descontinuidade entre a torre dos Ramires e o casario de Santa Ireneia.

A fundação da torre teria como primeiro objectivo a defesa da linha do Douro, servindo de torre de atalaia, mas a sua função militar perdeu significado com o estabelecimento das fronteiras mais a norte. Como tal, no século XVI a torre seria adquirida pela família



Pinto, senhores da Torre da Chã e do Paço de Covelas, e em 1610 voltaria a ser vendida, desta vez à família que ainda actualmente é sua proprietária.

Deverá datar do início do século XVII a adaptação da torre medieval a habitação senhorial, sendo então edificado um corpo de planimetria em L em volta do núcleo original, integrando-o num dos extremos da casa. O corpo do solar divide-se por três registos distintos e as fachadas são marcadas pela disposição de portas e janelas, de molduras rectangulares, tendo sido construída uma varanda alpendrada no piso superior na fachada principal. A torre não foi alterada, mantendo a planimetria original e as feições das suas fachadas, que se destacam pelo reduzido número de fenestrações.

A casa da Torre da Lagariça apresenta um modelo de linhas austeras e robustas, acentuando-se a verticalidade dos volumes, pontuada pela cêrcea da torre. Indiscutível é a harmonia estética de todo o conjunto, uma vez que a construção do solar seiscentista integrou de forma bastante coerente a torre medieval.

O ponto mais alto da quinta é conhecido por Eira Velha e, conta-se, que era ali que Eça de Queiroz se sentava escrevendo o seu romance admirando a paisagem. Será que foi esta a casa que inspirou Eça? Diz-se que sim..., mas é uma pergunta que fica no ar...

Texto 12

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de Junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor de rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Ireneia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo «Fidalgo da Torre»), trabalhava numa *Novela Histórica*, *A Torre de D. Ramires*, destinada ao primeiro número dos *Anais de Literatura e de História*, revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenáculo Patriótico, em casa das Severinas.

A livraria, clara e larga, escaiolada de azul, com pesadas estantes de pau-preto onde repousavam, no pó e na gravidade das lombadas de carneira, grossos fólhos de convento e de foro, respirava para o pomar por duas janelas, uma de peitoril e poiais de pedra almofadados de veludo, outra mais rasgada, de varanda, frescamente perfumada pela madressilva, que se enroscava nas grades. Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa —mesa imensa de pés torneados, coberta com uma colcha desbotada de damasco vermelho, e atravancada nessa tarde pelos rijos volumes da *História Genealógica*, todo o *Vocabulário de Bluteau*, tomos soltos do *Panorama*, e ao canto, em pilha, as obras de Walter Scott, sustentando um copo cheio de cravos amarelos. E daí, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo diante das tiras de papel almaço, roçando pela testa a rama da pena de pato, avistava sempre a inspiradora da sua *Novela* - a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura (...) robusta



sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Irenéia, solar dos Mendes Ramires desde os meados do século X.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires*, (1900).

Texto 13

Recolhendo do Tanque Velho, do fundo da quinta, onde passara a calma, depois do almoço, na frescura do arvoredor, entre sussurros de águas correntes, a folhear um volume do Panorama —Gonçalo encontrou sobre a mesa da livraria, com o correio de Oliveira, uma carta que o surpreendeu, enorme, em papel almaço, fechada por uma obreira. E dentro a assinatura, desenhada a tinta azul, era um coração chamejante.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires*, (1900).

— Ponte da Lagariça



A Ponte da Lagariça é uma das quatro pontes ancestrais em alvenaria que atravessam o rio Cabrum. Situada nos limites das freguesias de Freigil e São Cipriano, faz a ligação ao Concelho de Cinfães.

A Ponte da Lagariça é uma ponte medieval, que foi construída no século XIII, e que servia para cruzar o ribeiro Cabrum. É uma ponte de arco único e de pedra, que tem cerca de 15 metros de comprimento e 6 metros de altura. Ao longo dos anos, a Ponte da Lagariça sofreu várias intervenções de conservação e recuperação, com o objetivo

de manter a sua estrutura original. Perto da ponte situa-se a Torre da Lagariça e a Casa da Lagariça, conjunto intimamente ligado à literatura de Eça de Queiroz (1845-1900) na obra *A Ilustre Casa de Ramires*. O Parque Fluvial é uma área de recreio, com a zona de estar nas imediações da ponte e um local para merendas localizado junto a um moinho pré-existente. Possui também bar, duche, sanitários e zona de estacionamento. Uma zona muito convidativa a banhos durante o Verão.

Texto 14

Ao fundo do vale, uma claridade nimbava as altas ruínas de Santa Maria de Craquede, entre o seu denso arvoredor. Sob o arco, o rio cheio corria sem um rumor, já dormente na sombra dos choupos finos, onde ainda pássaros cantavam. E na volta da estrada, por cima dos álamos que escondiam o casarão, a velha Torre, mais velha que a Vila e que as ruínas do Mosteiro, e que todos os casais espalhados, erguia o seu esguio miradoiro, envolto no vôo escuro dos morcegos, espreitando silenciosamente a planície e o sol sobre o mar, como em cada tarde desses mil anos, desde o Conde Ordonho Mendes.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires*, (1900).

Ponto 7 – Rio Cabrum (Ribeira de Coice)



Foto de Paulo Cardoso on Unsplash.

A ribeira do Coice será muito provavelmente o rio Cabrum afluente da margem esquerda do Douro e separa em grande parte da sua extensão, os concelhos de Resende e de Cinfães. Este, forma-se junto do ponto mais alto da serra de Montemuro a 1382 metros e percorre cerca de 20Km desaguardo no rio Douro. Nele desembocam alguns pequenos afluentes dos quais se podem salientar, na sua margem direita, o da Gralheira, responsável pela separação entre esta aldeia e parte da freguesia da Panchorra, enquanto na sua margem esquerda, desagua o do Enforcado, que faz a separação entre a freguesia de Ramires e Ovadas. De realçar também que, na «geografia queirosiana», este ribeiro é a «ribeira de Coice» da obra *A Ilustre Casa de Ramires*.

Texto 15

Quando lá entrou, com os jornais da manhã que não abria, o Pereira esperava, encostado a um grosso guarda-sol de paninho escarlata, considerando pensativamente a quinta que, dali, se abrangia até aos álamos da ribeira do Couce e aos outeiros suaves de Valverde. Era um velho esgalgado e rijo, todo ossos, com um carão moreno, de olhos miudinhos e azulados, e uma barbicha rala, já branca, entre dois enormes colarinhos presos por botões de ouro. Homem de propriedade, acostumado à Cidade e ao trato das Autoridades, estendeu largamente a mão ao Fidalgo da Torre, e aceitou, sem embaraço, a cadeira que ele lhe empurrara para a mesa —onde dominavam, com os seus ricos labores, duas altas infusas de cristal antigo, uma cheia de açucenas e a outra de vinho verde.

—Então, que bom vento o traz pela Torre, Pereira amigo? Não o vejo desde Abril! (...)

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

Texto 16

Na livraria retomou com apetite, depois de lhes sacudir a poeira, as tiras da novela sobre que emperrara, naquele atarantado lance de susto e alarme —quando o

vílico, o velho Ordonho, reconhecia o pendão do Bastardo surgindo à borda da Ribeira do Couce, entre o coriscar de lanças empinadas, passando a antiga ponte de madeira, e, um momento sumido na verdura dos álamos, de novo avançando, alto e tendido, até ao rude Cruzeiro de Pedra de Gonçalo Ramires o Cortador... O gordo Ordonho então, atirando o brado de —«Prestes, prestes! que é gente de Baião!»— descambava pelo escalão da muralha, como um fardo que rola.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

Texto 17

Logo na Ribeira do Couce, Tructesindo encontrava cortada a machado a decrépita ponte, cujos rotos barrotes e tabuões carcomidos entulhavam no fundo a corrente escassa. Na sua fuga o Bastardo acauteladamente a desmantelara, para deter a cavalgada vingadora. Então a pesada hoste de Santa Ireneia avançou pela esguia ourela, ladeando os renques de choupos em demanda do vau do Espigai... Mas que tardança! Quando as derradeiras mulas de carga choutaram na terra de além-ribeira, já a tarde se adoçava, e nas poças de água, entre as poldras, o brilho esmorecia, umas ainda de oiro pálido, outras apenas rosadas. Imediatamente D. Garcia Viegas, o Sabedor, aconselhou que a mesnada se dividisse: — a peonagem e a carga avançando para Montemor, esgueirada e calada, para esquivar recontros; os senhores de lança e os besteiros de cavalo arrancando em dura carreira para colher o Bastardo. Todos louvaram o ardil do Sabedor; e a cavalgada, aligeirada das filas tardas de archeiros e fundibulários, largou, soltas as rédeas, através de terras ermas, depois por entre barrocais, até aos Três Caminhos, desolada chã onde se ergue solitariamente aquele carvalho velhíssimo que outrora, antes de exorcizado por S. Froalengo, abrigava no sábado mais negro de Janeiro, ao clarão de archotes enxofrados, a Grande Ronda de todas as bruxas de Portugal. Junto do carvalho Tructesindo sopeou a arrancada e, alçado nos estribos, farejava as três sendas que se trifurcam e se encovam entre ásperos, lôbregos cerros de bravio e de tojo. Passara aí o Bastardo malvado?... Ah! por certo passara e toda a sua maldade —porque no respaldo duma fraga, junto a três cabras magras retoucando o mato, jazia, com os braços abertos, um pobre pastorinho morto, varado por uma frecha ! Para que o triste cabreiro não soprasse novas da gente de Baião—uma bruta seta lhe atravessara o peito escarnado de fome, mal coberto de trapos. Mas por qual das sendas se embrenhara o malvado? Na terra solta, raspada pelo vento suão que rolava de entre-montes, não apareciam pegadas revoltas de tropel fugindo. E, em tal solidão, nem choça ou palhoça de onde vilão ou velha alapada espreitassem a levada do bando... Então, ao mando do alferes Afonso Gomes, três almogavres despediram pelos três caminhos à descoberta —enquanto os cavaleiros, sem desmontar, desafivelavam os morriões para limpar nas faces barbudas o suor que os alagava, ou abeiravam os ginetes dum sumido fio de água que à orla da chã se arrastava entre ralo caniçal. Tructesindo não se arredou de sob a ramaria do carvalho de S. Froalengo, imóvel sobre o morzelo imóvel, todo cerrado no ferro da sua negra armadura, as mãos juntas sobre a sela e o elmo pesadamente inclinado como em mágoa e oração. E ao lado, com as coleiras eriçadas de pregos, as sangrentas línguas penduradas, arquejavam, estirados, os seus dois mastins.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

Ponto 8 — Estação de Caldas de Aregos



No livro *A Cidade e as Serras*, Jacinto (personagem principal) e Zé Fernandes (o grande amigo de Jacinto e que é ao mesmo tempo o narrador na obra) vindos de Paris de comboio, após atravessarem França e Espanha até Salamanca, prosseguiram viagem rumando à fronteira com Portugal, entrando através de Barca D'Alva, pela linha do Douro, até Tormes (Aregos).

Seria este lugar aonde Jacinto «regressa», depois de sempre ter vivido no nº 202 dos Campos Elísios, em Paris, a fim de assistir à trasladação dos ossos dos antepassados para a Capela de Família. Uma vez chegado à estação de caminho de ferro que servia o local, o dono da Quinta teve de subir a serra numa égua, seguido pelo amigo José Fernandes, montado num jumento, por um caminho «íngreme e alpestre»; mas em breve os seus males «esqueceram ante a incomparável beleza daquela serra bendita».

A construção da estação de Aregos foi iniciada no ano de 1875 e foi concluída em 9 de dezembro de 1887 com a inauguração do troço até Barca d'Alva. Esta estação é descrita por Eça de Queiroz no romance *A Cidade e as Serras* com o nome de **Tormes** local onde desce a personagem principal Jacinto vindo de Paris. O próprio Eça conheceu esta estação dado que numa das suas vindas também se deslocou de comboio.

Mesmo em frente, na outra margem (esquerda) do rio, situam-se as Termas de Caldas de Aregos que, segundo o site da Câmara Municipal de Resende, mesmo que a informação exija futura confirmação: «(...) *existem desde o século XII, quando D. Mafalda, Rainha de Portugal, mandou ali construir uma Albergaria, perscrutadora dos diversos balneários termais que se sucederam ao longo dos tempos.*»

A partir da estação de Tormes está sinalizado pela Câmara Municipal de Baião **O Caminho de Jacinto**, caminho descrito em *A Cidade e as Serras*, por onde subiram Zé Fernandes e Jacinto, recém-chegados da viagem de comboio desde Paris, rumo à casa de Tormes.

Texto 18

Acordei envolto num largo e doce silêncio. Era uma estação muito sossegada, muito varrida, com rosinhas brancas trepando pelas paredes — e outras rosas em moitas, num jardim, onde um tanquezinho abafado de limos dormia sob duas mimosas em flor que rescendiam. Um rapaz pálido, de paletó cor de mel, vergando a bengalinha contra o chão, contemplava pensativamente o comboio. Agachada rente à grade da horta, uma velha, diante da sua cesta de ovos, contava moedas de cobre no regaço. Sobre o telhado secavam abóboras. Por cima rebrilhava o profundo, rico e macio azul de que meus olhos andavam agudados.

Sacudi violentamente Jacinto:

— Acorda, homem, que estás na tua terra! Ele desembalhou os pés do meu paletó, cofiou o bigode, e veio sem pressa, à vidraça que eu abrira, conhecer a sua terra.

— Então é Portugal, hem?... Cheira bem. — Está claro que cheira bem, animal! A sineta tilintou languidamente. E o comboio deslizou, com descanso, como se passeasse para seu regalo sobre as duas fitas de aço, assobiando e gozando a beleza da terra e do céu..

O meu Príncipe alargava os braços, desolado:

— E nem uma camisa, nem uma escova, nem uma gota de água-de-colónia!... Entro em Portugal, imundo!

— Na Régua há uma demora, temos tempo de chamar o Grilo, reaver os nossos confortos... Olha para o rio!

Rolávamos na vertente de uma serra, sobre penhascos que desabavam até largos socalcos cultivados de vinhedo. Em baixo, numa esplanada, branquejava uma casa nobre, de opulento repouso, com a capelinha muito caiada entre um laranjal maduro. Pelo rio, onde a água turva e tarda nem se quebrava contra as rochas, descia, com a vela cheia, um barco lento carregado de pipas. Paraalém, outros socalcos, de um verde pálido de reseda, com oliveiras apoucadas pela amplidão dos montes, subiam até outras penedias que se embebiavam, todas brancas e assoalhadas, na fina abundância do azul. Jacinto acariciava os pêlos corredios do bigode:

— O Douro, hem?... É interessante, tem grandeza. Mas agora é que eu estou com uma fome, Zé Fernandes!»

— Também eu! Destapámos o cesto de D. Esteban donde surdiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes, outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas de Amontillado, além de duas garrafas de Rioja, aqueciam com um calor de sol andaluz. Durante o presunto, Jacinto lamentou contritamente o seu erro. Ter deixado Tormes, um solar histórico, assim abandonado e vazio! Que delícia, por aquela manhã tão lustrosa e tépida, subir à serra, encontrar a sua casa bem apetrechada, bem civilizada... Parao animar, lembrei que com as obras do Silvério, tantos caixotes de Civilização remetidos de Paris, Tormes estaria confortável mesmo para Epicuro. Oh! mas Jacinto entendia um palácio perfeito, um 202 no deserto!... E assim percorrendo, atacámos as perdizes. Eu desarmolhava uma garrafa de Amontillado — quando o comboio, muito sorrateiramente, penetrou numa estação. Era a Régua. E o meu Príncipe pousou logo a faca para chamar o Grilo, reclamar as malas que traziam o asseio dos nossos corpos.

— Espera, Jacinto! Temos muito tempo. O comboio pára aqui uma hora... Come com tranquilidade. Não escangalhemos este almocinho com arrumações de malas... O Grilo não tarda a aparecer.

E corri mesmo a cortina, porque de fora um padre muito alto com uma ponta de cigarro colada ao beijo, parara a espreitar indiscretamente o nosso festim. Mas quando acabámos as perdizes, e Jacinto confiadamente desembalhava um queijo manchego, sem que Anatole comparecessem, eu, inquieto, corri à portinhola para apressar esses servos tardios... E nesse instante o comboio, largando, deslizou com o mesmo silêncio sorrateiro. Para o meu Príncipe foi um desgosto:

— Aí ficamos outra vez sem um pente, sem uma escova... E eu que queria mudar de camisa! Por culpa tua, Zé Fernandes!

— É espantoso!... Demora sempre uma eternidade. Hoje chega e abala! Paciência, Jacinto. Em duas horas estamos na estação de Tormes... Também não valia a pena mudar de camisa para subir à serra. Em casa tomamos um banho, antes de jantar... já deve estar instalada a banheira.

Ambos nos consolámos com copinhos de uma divina aguardente Chinchon. Depois, estendidos nos sofás, saboreando os dois charutos que nos restavam, com as vidraças abertas ao ar adorável, conversámos de Tormes. Na estação certamente estaria o Silvério, com os cavalos...

—Que tempo leva a subir? Uma hora. Depois de lavados sobrava tempo para um demorado passeio pelas terras com o caseiro, o excelente Melchior, para que o senhor de Tormes, solenemente, tomasse posse do seu senhorio. E à noite o primeiro bródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal Jacinto sorria, seduzido: — Vamos a ver que cozinheiro me arranjou esse Silvério. Eu: recomendei que fosse um soberbo cozinheiro português, clássico. Mas que soubesse trufar um peru, afogar um bife em mó ho de moela, estas coisas simples da cozinha de França!... O pior é não te demorares, seguir logo para Guiães...

— Ali, menino, anos, da tia Vicência no sábado... Dia sagrado! Mas volto. Em duas semanas estou em Tormes, para fazermos uma larga Bucólica. E, está claro, para assistir à trasladação.

Jacinto estendera o braço:

— Que casarão é aquele, além no outeiro, com a torre? Eu não sabia. Algum solar de fidalgo do Douro... Tormes era nesse feitio atarracado e maciço. Casa de séculos e para séculos —mas sem torre.

— E logo se vê, da estação, Tormes?...

— Não! Muito no alto, numa prega da serra, entre arvoredos, No meu Príncipe já evidentemente nascera uma curiosidade pela sua rude casa ancestral. Mirava o relógio, impaciente. Ainda trinta minutos! Depois, sorvendo o ar e a luz, murmurava, no primeiro encanto de iniciado:

— Que doçura, que paz... — Três horas e meia, estamos a chegar, Jacinto!

Guardei o meu velho *Jornal do Comércio* dentro do bolso do paletó, que deitei sobre o braço, — e ambos em pé, às janelas, esperámos com alvoroço a pequenina estação de Tormes, termo ditoso das nossas provações. Ela apareceu enfim, clara e simples, à beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girassóis enchendo um jardimzinho breve, as duas altas figueiras assombreado o pátio, e por trás a serra coberta de velho e denso arvoredos... Logo na plataforma avistei com gosto a imensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da estação, o louro Pimenta, meu condiscípulo em Retórica, no Liceu de Braga. Os cavalos decerto esperavam, à sombra, sob as figueiras.

Mal o trem parou ambos saltámos alegremente. A bojudia massa do Pimenta rebolou para mim com amizade:

— Viva o amigo Zé Fernandes!

— Oh belo Pimentão!... Apresentei o senhor de Tormes. E imediatamente: — Ouve lá, Pimentinha... Não está aí o Silvério? — Não... O Silvério há quase dois meses que partiu para Castelo de Vide, «ver a mãe que apanhou uma comada de um boi!

Atirei a Jacinto um olhar inquieto: — Ora essa! E o Melchior, o caseiro?... Pois não estão aí os cavalos para subirmos à quinta?

O digno chefe ergueu com surpresa as sobranceiras cor de milho: — Não!... Nem Melchior, nem cavalos... O Melchior... que tempos eu não vejo o Melchior!

O carregador badalou lentamente a sineta para o comboio rolar. Então, não avistando em torno, na lisa e despovoada estação, nem criados nem malas, o meu Príncipe e eu lançámos o mesmo grito de angústia:

— E o Grilo? As bagagens?... Corremos pela beira do comboio, berrando com desespero — Grilo!... Oh Grilo!... Anatole!... Oh Grilo! Na esperança que ele e o Anatole viessem mortalmente adormecidos, trepávamos aos estribos, atirando a cabeça para dentro dos compartimentos, espavorindo a gente quieta com o mesmo berro que retumbava: — Grilo, estás aí, Grilo? já de uma terceira classe, onde uma viola repenicava, um jocoso gania, troçando: — Não há por aí um grilo? Andam por aí uns senhores a pedir um grilo! — E nem Anatole, nem Grilo!

A sineta tilintou. — Oh Pimentinha, espera, homem, não deixes largar o comboio!... As nossas bagagens, homem!

E, aflito, empurrei o enorme chefe para o furgão de carga, a pesquisar, descortinar as nossas vinte e três malas! Apenas encontrámos barris, cestos de vime, latas de azeite, um baú amarrado com cordas... Jacinto mordida os beiços, lívido. E o Pimentinha, esgazeado:»

— Oh filhos, eu não posso atrasar o comboio!... A sineta repicou... E com um belo fumo claro o comboio desapareceu por trás das fragas altas. Tudo em torno pareceu mais calado e deserto. Ali ficávamos pois baldeados, perdidos na serra, sem Grilo, sem procurador, sem caseiro, sem cavalos, sem malas! Eu conservava o paletó alvadio, donde surdia o *Jornal do Comércio*. Jacinto, uma bengala. Eram todos os nossos bens!

O Pimentão arregalava para nós os olhinhos papudos e compadecidos. contei então àquele amigo o atarantado trasfego em Medina sob a borrasca. O Grilo desgarrado, enalhado com as vinte e três malas, ou rolando talvez para Madrid sem nos deixar um lenço...

—Eu não tenho um lenço!... Tenho este *Jornal do Comércio*. É toda a minha roupa branca.

— Grande arrelia, caramba! — murmurava o Pimenta, impressionado. — E agora? — Agora — exclamei — é trepar para a quinta, à pata... A não ser que se arranjassem aí uns burros.

Então o carregador lembrou que perto, no Casal da Giesta. ainda pertencente a Tormes, o caseiro, seu compadre, tinha uma boa égua e um jumento... E o prestante homem enfiou numa carreira para a Giesta —enquanto o meu Príncipe e eu caíamos para cima de um banco, arquejantes e sucumbidos, como náufragos. O vasto Pimentinha, com as mãos nas algibeiras, não cessava de nos contemplar, de murmurar: — É de arrelia. — O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de Maio, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Paraalém a serra crescia em corcovas doces, com uma «funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida dó mundo, uma vilazinha clara. O espaço imenso repousava num, imenso silêncio. Naquelas solidões de monte e penedia os pardais, revoando no telhado, pareciam aves consideráveis. E a massa rotunda e rubicunda do Pimentinha dominava, atulhava a região.

— Está tudo arranjado, meu senhor! Vêm aí os bichos!... SÓ o que não calhou foi um selinzinho para a jumenta!

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Cidade e as Serras*, (1901).

Ponto 9 – Caminho de Jacinto

1. Estando em frente à estação de Aregos, siga em frente à placa «Bem vindo a Santa Cruz o Douro». Chegando ao fundo do caminho, passe a linha e siga o trilho.
2. Estando no final do caminho atravesse a linha novamente e irá deparar-se com um fontanário. Siga agora em frente e passe ao lado da **Casa da Família Pereira**. Mais à frente encontrará a **Quinta da Tenchoadinha** onde deverá seguir à esquerda caminho acima.
3. Chegando à estrada de alcatrão siga à direita. Caminhe em frente e passará a **Casa das Fragas**. Logo adiante vire à esquerda para o caminho de Jacinto em paralelo. Passará em frente da **Casa de Quintela** (1904) e à **Casa de Nicolau** mais acima. Continue a subir o caminho de paralelos e sempre a subir....C hegando ao cimo encontrará um portão verde o da **Quinta de Vila Verde**, continue em frente.
4. Ao aproximar-se da **Calçada de Lazarim** siga à esquerda. Logo a seguir vê a **Calçada das flores**, não siga por lá, continue à sua direita. Passe a ponte pequenina em que o ribeiro corre por baixo e siga sempre em frente, subindo o caminho em pedra. Chegando ao cimo continue pelo trilho em terra.
5. Caminhe em frente não desespere a paisagem compensa. Siga à direita pelo **Caminho de Vila Verde** e algures à frente no meio de uma densa vegetação conseguirá vislumbrar o telhado da **Casa do Lodeiro**⁹.
6. Mais à frente encontrará outra ponte pequenina que deverá atravessar e se olhar para o cimo, à sua esquerda avistará a igreja e o cemitério de Santa Cruz do Douro onde estava sepultado o Escritor. Suba um pouco e logo estará na estrada de alcatrão, vire aí à esquerda e logo avista a torre da **Casa de Cabeção**.
7. Caminhe mais um pouco e encontrará uma paragem de autocarros. Em frente visualiza um muro amarelo de uma casa particular. Siga o caminho em paralelos à direita e um pouco mais à frente avista em todo o seu esplendor a **Casa de Cabeção**. No cruzamento logo acima vire à esquerda pelo caminho em terra e não siga pelo da direita.
8. Suba, suba, suba ... e logo vislumbra ao cimo o largo da igreja e do cemitério de Santa Cruz do Douro agora em toda a sua plenitude. Subindo mais acima encontra a placa do **Caminho de Pedreda** não siga por lá, deve continuar a subir. Após a **Casa de Ladeiro** encontra uma construção mais recente à sua esquerda com portadas verdes não siga para lá, continue a subir á sua direita e prepare-se para mais uma subida íngreme.
9. Chegando ao cimo do lugar de **Cedofeita** vire à esquerda e siga em frente. Encontrará logo aí à sua esquerda uma casa abandonada, terminam os paralelos e olhe em frente porque já avista a Casa de Tormes. Siga pelo caminho e logo estará debaixo da ramada da eira da casa para um merecido descanso.

⁹ Esta casa encerra algumas memórias trágicas, pois pertenceu a um amigo de Camilo Castelo Branco, que raptou Fanny Owen, com quem casou. O casamento não se consumou e a senhora faleceu tísica cerca de um ano depois. Por decisão do marido, o seu coração esteve guardado, muitos anos, num frasco de vidro na Capela da Casa. Camilo refere-se a este drama n' *O Bom Jesus do Monte* (1864) e em *Vinte e Horas de Liteira* (1866), Augustina Bessa Luís em *Fanny Owen* (1979) e Manoel de Oliveira no filme *Francisca* (1981).



Texto 19

Os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidinhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de paraíso, toda a majestade e toda a lindeza. Deixando resvalar o olhar observe os vales poderosamente cavados (...) os bandos de arvoredos, tão copados e redondos de um verde tão moço e sinta, por todo o lado, o esvoaçar leve dos pássaros

Eça de Queiroz «Civilização

Texto 20

Era o carregador, digno homem, que voltava da Giesta. sacudindo na mão duas esporas desirmanadas e ferrugentas. E não tardaram a aparecer no córrego, para nos levarem a Tormes, uma égua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertámos a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a égua ao senhor de Tormes. E começámos a trepar o caminho, que não se alisara nem se desbravara desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacintos do século XIV! Logo depois de atravessarmos uma trémula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... —E em breve os nossos males esqueceram perante a incomparável beleza daquela serra bendita!

Com que brilho e inspiração copiosa a compusera o Divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça. Para os vales, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, de um verde tão novo, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amável, a que o esvoaçar leve dos pássaros sacudia a fragrância. Através dos muros seculares, que sustêm as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes coleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas pelas encostas, alastravam a sólida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de líquen e de silvados floridos, avançavam como proas de galeras enfeitadas: e, de entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgara, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Por toda a parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta à beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficemente, à espera dos homens e dos gados... Todo um cabeça por vezes era uma seara, onde um vasto carvalho ancestral, solitário, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjais rescendentes. Caminhos de lajes soltas circundavam fartos prados com carneiros e vacas retouçando —ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, numa penumbra de repouso e frescura. Trepávamos então alguma ruazinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos

cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheirais, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esperso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava: —Que beleza! E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava: —Que beleza! Frescos ramos roçavam os nossos ombros com familiaridade e carinho. Por trás das sebes, carregadas de amoras, as macieiras estendidas ofereciam, as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros de uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passámos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre contigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bendita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhados, chegámos àquela avenida de faias, que sempre me encantara pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e à égua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares, gritou: — Aqui é que estemos, meus amos! —E ao fundo das faias, com efeito, aparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brasão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhcia. Dentro já os cães ladravam com furor. E quando Jacinto, na sua suada égua, e eu atrás, no burro de Sancho, transpusemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nédio, rapado como um padre, sem colete, sem jaleca, acalmando os cães que se encarniçavam contra o meu Príncipe. Era o Melchior, o caseiro... Apenas me reconheceu, toda a boca se lhe escancarou num riso hospitaleiro, a que faltavam dentes. Mas apenas eu lhe revelei, naquele cavaleiro de bigodes louros que descia da égua esfregando os quadris, o senhor de Tormes o bom Melchior recuou, colhido de espanto e terror como diante de uma aventesma.

—Ora essa!... Santíssimo nome de Deus! Pois então... E, entre o rosar dos cães, — num bracejar desolado, balbuciou uma história que por seu turno apavorava Jacinto, como se o negro muro do casarão pendesse para desabar. O Melchior não esperava Sua Excelência! Ninguém esperava Sua Excelência... (Ele dizia sua incelência...) O Sr. Silvério estava para Castelo. de Vide desde Março, com a mãe, que apanhara uma cornada na virilha. E decerto houvera engano, cartas perdidas... Porque o Sr. Silvério só contava com Sua Excelência em Setembro, para a vindima! Na casa as obras seguiam devagarinho, devagarinho... O telhado, no sul, ainda continuava sem telhas; muitas vidraças esperavam, ainda sem vidros; e, para ficar. Virgem Santa, nem uma cama arranjada!...

Jacinto cruzou os braços numa cólera tumultuosa que o sufocava. Por fim, com um berro:

— Mas os caixotes? Os caixotes, mandados de Paris, em Fevereiro, há quatro meses?...

O desgraçado Melchior arregalava os olhos miúdos, que se embaciavam de lágrimas. Os caixotes?! Nada chegara, nada aparecera!... E na sua perturbação mirava pelas arcadas do pátio, palpava na algibeira das pantalonas. Os caixotes?... Não, não tinha os caixotes!

— E agora, Zé Fernandes? Encolhi os ombros: — Agora, meu filho, só vires comigo para Guiães... Mas são duas horas fartas a cavalo. E não temos cavalos! O melhor é ver o casarão, comer a boa galinha que o nosso amigo Melchior nos assa no espeto, dormir numa enxerga, e amanhã cedo, antes do calor, trotar para cima, para a tia Vicência.

Jacinto replicou, com uma decisão furiosa: — Amanhã troto, mas para baixo, para a estação!... E depois, para Lisboa! E subiu a gasta escadaria do seu solar com

amargura e rancor. Em cima uma larga varanda acompanhava a fachada do casarão, sob um alpendre de negras vigas, toda ornada, por entre os pilares de granito, com caixas de pau onde floriam cravos. Colhi um cravo amarelo — e penetrei atrás de Jacinto nas salas nobres, que ele contemplava com um murmúrio de horror. Eram enormes, de uma sonoridade de casa capitular, com os grossos muros enegrecidos pelo tempo e o abandono, e regeladas, desoladamente nuas, conservando apenas aos cantos algum monte de canastras ou alguma enxada entre paus. Nos tetos remotos, de carvalho apainelado, luziam através dos rasgões manchas de céu. As janelas, sem vidraças, conservavam essas maciças portadas, com fechos para as trancas, que, quando se cerram, espalham a treva. Sob os nossos passos, aqui e além, uma tábua podre rangia e cedia.

— Inabitável! —rugia Jacinto surdamente. — Um horror! Uma infâmia!... Mas depois, noutras salas, o soalho alternava com remendos de tábuas novas. Os mesmos remendos claros mosqueavam os velhíssimos tetos de rico carvalho sombrio. As paredes repeliam pela alvura crua da cal fresca. E o sol mal atravessava as vidraças — embaciadas e gordurentas da massa e das mãos dos vidraceiros.»

Penetrámos enfim na última, a mais vasta, rasgada por seis janelas, mobilada com um armário e com uma enxerga parda e curta estirada a um canto: e junto dela parámos. E sobre ela depusemos tristemente o que nos restava de vinte e três malas — o meu paletó alvadio, a bengala de Jacinto, e o «Jornal. do Comércio» que nos era comum. Através das janelas escancaradas, sem vidraças, o grande ar da serra entrava e circulava como num eirado, com um cheiro fresco de horta regada. Mas o que avistávamos, da beira da enxerga, era um pinheiral cobrindo um cabeça e descendo pelo pendor suave, à maneira de uma hoste em marcha, com pinheiros na frente, destacados, direitos, emplumados de negro; mais longe as serras de além-rio, de uma fina e macia cor de violeta; depois a brancura do céu, todo liso, sem uma nuvem, de uma majestade divina. E lá de baixo, d os vales, subia, desgarrada e melancólica, uma voz de pegureiro cantando.

Jacinto caminhou lentamente para o poial de uma janela, onde caiu esbarrondado pelo desastre, sem resistência perante aquele brusco desaparecimento de toda a Civilização! Eu palpava a enxerga, dura e regelada como um «granito de Inverno. E pensando nos luxuosos colchões de penas e molas, tão prodigamente encaixotados no 202, desafoguei também a minha indignação:

— Mas os caixotes, caramba?... Como sé perdem assim trinta e tantos caixotes enormes?...

Jacinto sacudiu amargamente os ombros: — Encalhados, por aí, algures, num barracão!... Em Medina, talvez, nessa horrenda Medina. Indiferença das Companhias, inércia do Silvério... Enfim a Península, a barbárie!

Vim ajoelhar sobre o outro poial, alongando os olhos consolados por céu e monte:

— É uma beleza! O meu Príncipe, depois de um silêncio grave, murmurou, com a face encostada à mão:

— É uma lindeza... E que paz! Sob a janela vicejava fartamente uma horta, com repolho, feijoal, talhões de alface, gordas folhas de abóbora rastejando. Uma eira, velha e mal alisada, dominava o vale, donde já subia tenuemente a névoa de algum fundo ribeiro. Toda a esquina do casarão desse lado se engravava em laranjal. E de uma fontinha rústica, meio afogada em rosas tremedeiras, corria um longo e rutilante fio de água.(...)

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Cidade e as Serras*, (1901).

Ponto 10 — Quinta de Vila Nova - Fundação Eça De Queiroz, Santa Cruz do Douro



Os 4 filhos a contar da esquerda!! Alberto, António, José Maria e Maria.____

Quinta de Vila Nova foi uma herança da esposa de Eça de Queiroz, **Emília de Castro Pamplona** (06 de junho de 1857 - Vila Nova de Gaia, Porto, 06 de junho de 1934)¹⁰, por morte de seus pais, os Condes de Resende, no ano de 1892 e como foi o próprio escritor a deslocar-se a esta casa nesse ano para tratar da herança ficou tão entusiasmado com o espaço que o transforma no cenário principal do seu romance *A Cidade e as Serras*.

Quando Eça aqui esteve, pela primeira vez, em maio de 1892, as suas salas deviam parecer-se muito com a descrição que delas faz Zé Fernandes n'A Cidade e as Serras:

Texto 21

Eram enormes duma sonoridade de casa capitular, com grossos muros enegrecidos pelo tempo e o abandono, e regelados, desoladamente nuas, conservando apenas aos cantos algum monte de canastras ou alguma enxada entre paus. Nos tetos

¹⁰ D. Emília de Castro Pamplona (Rezende), filha dos quartos Condes de Rezende, casou em 10-02-1886 com José Maria Eça de Queiroz, de quem teve 4 filhos:

- Maria de Castro de Eça de Queiroz (Porto, 16 de Janeiro de 1887 - Santa Cruz do Douro, Baião, 7 de Janeiro de 1970),
- José Maria de Eça de Queiroz (London, 26 de Janeiro de 1888 - Praia da Granja, Vila Nova de Gaia, 2 de Junho de 1928),
- António Aberto Eça de Queiroz Paris, (28 de Dezembro de 1889 - São Sebastião da Pedreira, Lisboa, 16 de Maio de 1968),
- Alberto de Eça de Queiroz (Paris, 16 de Abril de 1894 - Benfica, Lisboa, 25 de Janeiro de 1938). A 25 Dez 1885, o pai de Eça, Dr. José Maria e a esposa, D. Carolina d'Eça, assinam a declaração oficial de legitimidade, documento necessário ao casamento. O escritor passou a ser EÇA, o nome da esposa do pai - Dona Carolina Augusta Pereira de Eça de Queiroz (1826-1918), acedeu a perfilhá-lo para casar com a filha dos Condes de Resende até à data, o «escritor» era filho de mãe incógnita.

«Este casamento, e a séria e grave afeição que o produz, é tão simples que não tem história [...]. O resto é um pouco terre-à-terre, não vale de modo nenhum o esplendor lírico de «Romeo and Juliet» e não poderia ser posto em árias pelo lânguido Gounod.» Carta de Eça de Queiroz a Ramalho Ortigão, 14 de Outubro de 1885

remotos, de carvalho apainelado, luziam através dos rasgões manchas de céu. As janelas, sem vidraças conservavam essas maciças portadas, com fechos para as trancas, que, quando se cerram espalham a treva. Sob os nossos passos, aqui e além, uma tábua podre rangia e cedia.

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Cidade e as Serras*, (1901).

Maria Eça de Queiroz, a filha do escritor, veio para aqui viver em 1916, ano em que casou com um primo coirmão. Foi então reunindo tudo o que dizia respeito ao pai e que se encontrava disperso pelos seus descendentes. Quando faleceu, em 1970, com 83 anos, Tormes passaria para a posse de seu filho Manuel Benedito e sua mulher Maria da Graça Salema de Castro. Quando da morte de Manuel Benedito, em 1978, já decidira o casal criar uma Fundação Eça de Queiroz, ideia admirável que fez preservar o património valiosíssimo, de outro modo ameaçado de inevitável dispersão.

O 9 de Setembro de 1990 era criada a Fundação. Sete anos mais tarde inaugurava-se a reabertura da casa depois de várias obras de reabilitação e consolidação. O espólio da Fundação é constituído pela Casa de Tormes–Quinta de Vila Nova, no Douro, e seu recheio: móveis, objectos e documentos que pertenceram ao escritor, numa recriação do que terá sido a casa onde habitou e veio a falecer em Neuilly, Paris¹¹.

Podemos agora entrar no belo pátio da casa de Tormes, lajeado a granito. Dentro, subida a escada, espera-nos um ambiente de excelente bom gosto. O que era um antigo celeiro, salas para secar o milho informa-nos Zé Fernandes, é agora a Casa-Museu Eça de Queiroz, onde podemos ver variadíssimas relíquias: a mesa em que escrevia de pé, uma parte dos seus livros e objetos pessoais, os seus quadros e gravuras e a maioria das mobílias que preenchiam a última casa onde viveu em Neuilly.

Da eira que domina o vale, vemos as serras azuladas que encantaram Jacinto. Algo mais lhe dará conta a guia da Fundação que o vai acompanhar na visita da casa. Não se esqueça todavia o visitante de reparar nos poiais das janelas onde, na grande sala, se sentaram Jacinto e Zé Fernandes, contemplando ao longe o recorte das serras, a refletir sobre a unidade do Universo e sobre a sua transcendência...

À saída já no pátio, verá ainda o interior da capelinha cujas obras, há que recordar, haviam trazido Jacinto a Tormes, para onde iam ser trasladados os restos mortais de seus avós. E o que esta capela tem por fora de simplicidade rude, tem no interior, graciosidade e encanto, dados pelas dimensões diminutas, pelo coro e tetos, de madeira, e pelo expressivo retábulo pintado do altar. É esta a parte mais antiga da casa pois esta capela, da invocação de Santo António, já existia em 1595.

Texto 22

Assim, vagarosamente e maravilhados, chegamos aquella avenida de faias, que sempre me encantara pela sua fidalga gravidade. Atilando uma vergastada ao burro e á égua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre oscalcanares, gritou: – E ao fundo das faias, com efeito, aparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brasão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro já os cães ladravam com furor. E quando Jacinto, na sua suada égua, e eu atrás, no burro de Sancho, transpusemos o limiar solarengo (...)

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Cidade e as Serras*, (1901).

¹¹ RCL *Convergência Lusíada* n. 32, julho -dezembro de 2014

Ponto 11 – Baião (Guiães)



Baião, que poderá ser a **Guiães** do Zé Fernandes. Pela descrição, a casa de Tormes estava a duas léguas de Guiães e num caminho antigo de Guiães à estação e ao rio. Ou seja, Guiães fica num plano mais elevado, a cerca de duas léguas da casa de Tormes.

Guiães é o local de residência da personagem d' *A Cidade e as Serras* José, ou Zé Fernandes. É o melhor amigo de Jacinto e narrador da história. **Baião** é na realidade uma das freguesias do concelho de Vila Real que foi mandada povoar por D. Sancho I que lhe concedeu foral em 1202.

Texto 23

Em 1880, em Fevereiro, numa cinzenta e arrepiada manhã de chuva, recebi uma carta do meu bom tio Afonso Fernandes, em que, depois de lamentações sobre os seus setenta anos, os seus males hemorroidais, e a pesada gerência dos seus bens «que pedia homem mais novo, com pernas mais rijas» — me ordenava que recolhesse à nossa casa de Guiães, no Douro! Encostado ao mármore partido do fogão, onde na véspera a minha Nini deixara um espartilho embrulhado no Jornal dos Debates, censurei severamente meu tio que assim cortava em botão, antes de desabrochar, a flor do meu Saber Jurídico. Depois num post-scriptum ele acrescentava: — «O tempo aqui está lindo, o que se pode chamar de rosas, e tua santa tia muito recomenda, que anda lá pela cozinha, porque vai hoje em trinta e seis anos que casámos, temos cá o abade e o Quintais a jantar, e ela quis fazer uma sopa dourada.

Deitando uma acha ao lume, pensei como devia estar boa a sopa dourada da tia Vicência. Há quantos anos não a provava, nem o leitão assado, nem o arroz de forno da nossa casa! Com o tempo assim tão lindo, já as mimosas do nosso pátio vergariam sob os seus grandes cachos amarelos. Um pedaço de céu azul, do azul de Guiães, que outro não há tão lustroso e macio, entrou pelo quarto, iluminou sobre a puída tristeza do tapete, relvas, ribeirinhos, malmequeres e flores de trevo de que meus olhos andavam aguados. E, por entre as bambinelas de sarja, passou um ar fino e forte e cheiroso de serra e de pinheiral.

Assobiando um «fado» meigo tirei debaixo da cama a minha velha mala, e meti solícitamente entre calças e peúgas um Tratado de Direito Civil, para aprender enfim, nos vagares da aldeia, estendido sob a faia, as leis que regem os homens. Depois, nessa tarde, anunciei a Jacinto que partia para Guiães. O meu camarada recuou com um surdo gemido de espanto e piedade:

— Para Guiães!... Oh Zé Fernandes, que horror! E toda essa semana me lembrou solícitamente confortos de que eu me deveria prover para que eu me deveria prover para que pudesse conservar, nos ermos silvestres, tão longe da Cidade, uma pouca de alma dentro de um pouco de corpo. «Leva uma poltrona! Leva a Enciclopédia Geral! Leva caixas de aspáragos!...

José Maria de EÇA DE QUEIROZ, *A Cidade e as Serras*, (1901).

Biografia de Eça de Queiroz

Eça de Queiroz desenvolveu a sua vida literária entre meados dos anos 1860 e 1900. Nesse lapso temporal, Eça marcou a cena literária portuguesa com uma produção de alta qualidade, parte dela deixada inédita à data da sua morte...

25 de Novembro de 1845

Nasce José Maria de Eça de Queiroz na Póvoa de Varzim. Filho de José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz e Carolina Augusta Pereira de Eça, solteiros. Mal nasce, é entregue aos cuidados de uma ama-de-leite, Ana Joaquina Leal de Barros, também sua madrinha, em Vila do Conde. Em 1849 vai viver para Verdemilho, em casa dos avós paternos, apesar de o casamento dos seus pais se ter realizado quatro anos depois do seu nascimento.

1855

É matriculado no Colégio da Lapa, na cidade do Porto, dirigido pelo pai de Ramalho Ortigão. Aí fará a escolaridade obrigatória até ao seu ingresso na Universidade. Conhecerá, também, neste colégio os irmãos Resende, Luís e Manuel, que virão a ser seus cunhados.

1861

Matricula-se no primeiro ano da Faculdade de Direito de Coimbra, onde conheceu Teófilo Braga e Antero de Quental, entre outros, que viriam mais tarde a constituir o grupo de intelectuais conhecido como «Geração de 70». É neste meio universitário que surgem os primeiros escritos jornalísticos.

1866

Envia ao Teatro Nacional D. Maria II a tradução de uma peça de José Bouchardy, intitulada *Philidor*. Forma-se em Direito e instala-se em Lisboa, em casa dos pais, no Rossio, 26, 4º andar, inscrevendo-se como advogado no Supremo Tribunal de Justiça. Inicia a publicação de folhetins no jornal *Gazeta de Portugal* num total de dez artigos que serão reunidos no volume *Prosas Bárbaras*, em 1909. Parte para Évora no final do ano, onde irá fundar e dirigir o jornal da oposição *Districto de Évora*.

1867

Inicia a sua actividade como advogado. Em Julho deixa a direcção do *Districto de Évora*, regressa a Lisboa e retoma a sua colaboração na *Gazeta de Portugal* de Outubro a Dezembro. No final do ano forma-se o «Cenáculo», do qual farão parte, também, Antero de Quental, Salomão Saragga, Jaime Batalha Reis, Augusto Fuschini, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, José Fontana, entre outros.

1869

São publicados, no jornal *Revolução de Setembro*, os primeiros versos de Carlos Fradique Mendes, «Serenata de Satã às Estrelas», criação conjunta de Eça, Antero e Batalha Reis. Viagem pela Palestina, Síria e Egipto, onde assiste à inauguração do Canal de Suez em companhia de Luís de Castro, conde de Resende.

1870

Regressado a Lisboa, publica no *Diário de Notícias* os relatos da viagem ao Médio-orientes com o título «De Port-Said a Suez». Publicação no mesmo jornal de «O Mistério da Estrada de Sintra», em colaboração com Ramalho Ortigão. É nomeado

Administrador do Concelho de Leiria. Em Setembro presta provas para cônsul de 1ª classe no Ministério dos Negócios Estrangeiros, ficando classificado em primeiro lugar.

1871

É publicado o primeiro número d'*As Farpas* dirigido por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Realizam-se as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, não se tendo cumprido a totalidade do programa previsto devido à proibição governamental ter impedido a sua continuação. Eça profere a quarta conferência intitulada «A Nova Literatura ou O Realismo como Expressão de Arte».

1872

É nomeado cônsul de 1ª classe nas Antilhas espanholas. No final do ano será empossado no seu cargo em Havana, aí permanecendo durante dois anos. Neste período interessa-se pela causa dos coolies (chineses oriundos de Macau), que viviam uma situação muito semelhante à de escravatura nas plantações da cana-de-açúcar.

1873

Viagem pelo Canadá, Estados Unidos e América Central, fruto da licença solicitada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, para se ausentar das Antilhas, por ocasião das febres nos meses do Estio. Este périplo surge não só por preceito médico mas com o intento de privar com as duas americanas, Mollie Bidwel e Anna Conover, que conhecera em Cuba.

1874

Publicação do conto «Singularidades de Uma Rapariga Loura» no Brinde aos senhores assinantes do *Diário de Notícias* para 1873. Transferência para o consulado de Newcastle-upon-Tyne. Eça não gosta da cidade, por isso dedicar-se-á inteiramente à escrita. Este é o seu período mais produtivo.

1875

Publicação na *Revista Ocidental*, dirigida por Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, da primeira versão de *O Crime do Padre Amaro*, entre 15 de Fevereiro e 15 de Maio de 1875, num total de 7 fascículos. Conclusão da escrita de *O Primo Basílio*, em Newcastle.

1877

Publicação no jornal portuense *A Actualidade* das crónicas «Cartas de Inglaterra», mantendo-se a colaboração até 21 de Maio de 1878, pelo preço de 7 libras mensais, em que faz um retrato da sociedade inglesa e dos grandes acontecimentos da época. Inicia a escrita de *A Capital!*, publicada vinte e cinco anos após a sua morte.

1878

Contactos com o editor Chardron apresentando «Cenas da Vida Portuguesa», projecto para 12 volumes de novelas. É publicado *O Primo Basílio*, numa edição de 3.000 exemplares que esgota rapidamente, tendo no mesmo ano saído a pública uma segunda edição, ilustrada com fotografia do autor. É transferido para o consulado de Bristol.

1879

Escreve em Dinan (França) *O Conde de Abranhos*, que ficará inédito até 1925. Surge, ainda, o importante texto «Idealismo e Realismo» para servir de prefácio à 2ª edição refundida de *O Crime do Padre Amaro*. De 30 de Setembro a 20 de Outubro, Eça de Queiroz permanece em Angers onde se faz fotografar com uma jovem senhora, juntamente com o seu irmão Alberto. Dela nada se sabe ainda pelo que até hoje continua a ser a «Bela Desconhecida».

1880

Segunda edição em livro de *O Crime do Padre Amaro*. Publicação da novela *O Mandarim* em folhetins do *Diário de Portugal*. Publicação dos contos «Um Poeta Lírico» e «No Moinho», em *O Atlântico*. Inicia a sua colaboração com um jornal do Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias*, que só terminará em 1897.

1882

Entre Maio e Junho Eça está em Angers. O escritor usualmente hospedava-se no Hotel du Cheval Blanc, n.º 12 da Rue Saint-Aubin. Em Julho regressa ao consulado de Bristol.

1883

É eleito sócio correspondente da Academia Real das Ciências. Reescreve *O Mistério da Estrada de Sintra*. Nos meses de Abril, Maio e Julho, Eça permanece em Portugal. Numa destas estadias visita Antero de Quental, em Vila do Conde.

1884

Entre Março e Maio está Eça em Angers. Após este período encontramos um Eça «sensaborão» e à procura de uma «criatura ideal». Em Julho e Agosto está em Portugal e faz-se fotografar no Palácio de Cristal, no Porto - Grupo dos cinco. Em Outubro visita a Costa Nova na companhia da condessa de Resende e das suas filhas. Publicação na *Revue Universelle Internationale* da tradução francesa de *O Mandarim*, com um prefácio de Eça, escrito em francês. Segunda edição de *O Mistério da Estrada de Sintra*.

1885

Visita Zola em Paris na companhia do jornalista Mariano Pina. Mais tarde dirá a Emília de Castro que Zola terá exclamado ao vê-lo: «Eh quoi, c'est vous! Mais vous êtes un enfant!». Eça encontra a «criatura ideal» na figura de Emília de Castro, com o auxílio do antigo companheiro do colégio da Lapa, Manuel de Castro, pedindo a sua mão à condessa de Resende a 30 de Agosto. A sua legitimação é tornada oficial pelos pais a 23 de Dezembro.

1886

Casamento com Emília de Castro Pamplona (Resende), a 10 de Fevereiro, no oratório particular da Quinta de Santo Ovídio, no Porto. Foram seus padrinhos: Ramalho Ortigão e Manuel de Castro. Regressa a Bristol, já acompanhado da sua jovem esposa. Prefacia os livros *Azulejos* do conde de Arnoso e *O Brasileiro Soares* de Luís de Magalhães.

1887

Nascimento de Maria, primeiro filho, no solar de Santo Ovídio, no Porto, a 16 de Janeiro. Concorre com *A Relíquia* ao Prémio D. Luís da Academia Real das Ciências, perdendo a favor de Henrique Lopes de Mendonça. Publicação de *A Relíquia*, em livro, pela casa Chardron e da 3.ª edição de *O Primo Basílio*. Presumível ano de redacção do importante artigo «O Francesismo», segundo Guerra da Cal.

1888

Nasce, em Londres, José Maria, o segundo filho do romancista, a 26 de Fevereiro. A 28 de Agosto, Eça é nomeado cônsul em Paris, mas só toma posse oficial do cargo a 20 de Setembro. polémica com Pinheiro Chagas a propósito da atribuição do Prémio D. Luís. Publicação de *Os Maias*, com uma tiragem de 5000 exemplares. Publicação no jornal portuense *O Repórter*, dirigido por Oliveira Martins, de algumas «Cartas de Fradique Mendes». Forma-se em Lisboa o grupo d'«Os Vencidos da Vida».

1889

Prefacia o livro de poemas *Aguarelas* de João Dinis. Sai o primeiro número da *Revista de Portugal*, de que é director. Vem de férias a Portugal com a família, entre Fevereiro e Maio. Neste período janta com os «Vencidos da Vida», a 26 de Março. A 18 de Julho visita, com Jaime Batalha Reis, a casa de Victor Hugo. A 27 de Agosto sobe com o Príncipe D. Carlos à Torre Eiffel, por ocasião da exposição universal de Paris. Em fins de Setembro, Emília Pardo Bazán entrevista Eça em Paris. Nasce em Paris António, o terceiro filho do casal, a 30 de Dezembro.

1890

A 28 de Janeiro morre, no Porto, a Condessa de Resende, sogra de Eça. Em Fevereiro sai, na *Revista de Portugal*, o importante artigo sobre o «Ultimatum». Publicação do 1º volume de *Uma Campanha Alegre*, pelo editor Corazzi, reunindo a colaboração de Eça n'*As Farpas*. Entre Março e Julho Eça está em Portugal para tratar de assuntos referentes a partilhas, após falecimento da sogra. A 25 de Abril estreia do drama, em quatro actos, baseado n'*O Crime do Padre Amaro*, no Rio de Janeiro, que viria a ter mais de quarenta representações.

1891

Traduz *As Minas de Salomão*, de Henry Rider Haggard. Neste ano surge a 2ª edição de *A Relíquia*. A 6 de Abril nasce Alberto, o quarto e último filho do casal. Em carta a Oliveira Martins (23 Jul.) dá fé do «Flos Sanctorum em que ando mergulhado» e começa a escrever narrativas sobre vidas de santos, primeiro sobre «S. Frei Gil», ao mesmo tempo que se dedica a burilar os contos que viria a publicar nos subsequentes anos. Em Novembro, Eça desloca-se a Londres em missão diplomática para tratar de uma questão dos caminhos-de-ferro e hospeda-se no Savoy Hotel.

1892

Em fins de Maio Eça visita, com a cunhada Benedita, Beire e Santa Cruz do Douro, que virá a ser a Tormes de *A Cidade e as Serras*. A 17 de Julho comunica a Oliveira Martins que Emídio Navarro lhe trouxera uma mesa de espiritismo, depois das sessões que haviam feito em Neuilly e das quais havia participado. Publicação do conto «Civilização», na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro e das novas *Cartas de Fradique Mendes*.

1893

Publica na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro a Crónica «Tema para Versos», que inclui o conto «A Aia» e a crónica «Positivismo e Idealismo». Em 15 de Julho escreve à mulher referenciando as conversas com o inventor Luís Serra, com quem virá a fazer uma sociedade e a quem adiantará dinheiro. Começa a escrever «A Vida de Santo Onofre». Eça deixa a residência da Rue Charles Laffitte, 32, e vai morar para Avenue du Roule, 38, também em Neuilly. Será nesta última residência que virá a falecer.

1894

Publicação de «As histórias: O Tesouro» e «As histórias: frei Genebro», na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. A 14 de Fevereiro envia ao editor Lugan o primeiro capítulo de *A Cidade e as Serras*. A 2 de Julho escreve uma carta a Lello & Irmão, sucessor de Lugan, onde declara que fica estabelecido que receberá 25% do preço de capa pelas suas obras. A 10 de Novembro menciona o projecto de uma nova revista *O Serão* com Alberto de Oliveira, que não chegará a concretizar. 3ª edição de *O Mistério da Estrada de Sintra*.

1895

Organiza, em colaboração com José Sarmento e Henrique Marques, o *Almanaque Enciclopédico* para 1896. Publicação de «O Defunto» na *Gazeta de Notícias*. Passa férias em Portugal com a família, hospedando-se primeiramente no Chiado por cima da Ourivesaria Leitão, hoje casa Vista Alegre na Rua Nova da Trindade e depois aluga casa em Sintra, na Quinta dos Castanhais.

1896

Organiza o *Almanaque Enciclopédico* para 1897. Recebe a Legião de Honra Francesa. Publicação de *Antero de Quental – In Memoriam* com texto de Eça: «Um génio que era um santo».

1897

Começa a publicação, em Paris, da *Revista Moderna*, publicada pelo brasileiro Martinho Carlos Arruda Botelho. Nos dois primeiros números publica os contos «A Perfeição» e «José Matias» e o número de 20 de Novembro é inteiramente dedicado a Eça de Queiroz, nele saindo o início d'*A Ilustre Casa de Ramires*. Em Agosto Eça, acompanhado pelo diplomata brasileiro Domício da Gama, faz uma cura termal em Plombières, a preceito do seu médico Dr. Melo Viana.

1898

De Abril a Junho, o *Anuário Diplomático* dá conta de Eça em Portugal. Em Junho visita novamente Santa Cruz do Douro com o sobrinho de sua mulher. Neste período, visita o amigo Ramalho Ortigão, que se encontra doente, na sua casa em Cascais. Visita também, em Serpa, o conde de Ficalho, daí partindo para Corte-Condessa, onde a esposa herdara terras. Publicação na *Revista Moderna* do conto «O Suave Milagre», em versão remodelada de «Outro Amável Milagre», publicado em Abril de 1885, em «Um Feixe de Penas».

1899

A 14 de Janeiro dá-se o «Banquete da colónia portuguesa», promovido por Francisco de Lacerda, o qual veio a dar origem à célebre estatueta-caricatura de Eça, modelada pelo escultor Francisco da Silva Gouveia. Prepara, em simultâneo, a publicação de três romances: *A correspondência de Fradique Mendes*, *A Cidade e as Serras* e *A Ilustre Casa de Ramires*. Em Maio visitará pela última vez Tormes e regressará a França, via Salamanca. Durante o Verão passa algumas semanas de férias com a família em Forest-par-Chaumes.

AUGUST 16, 1900

Em Fevereiro viaja pelo sul de França em busca de saúde – Arcachon, Biarritz, Pau e Lourdes. José Maria, o filho mais velho, em Junho, adoece gravemente. Emília vai para Fontainebleau, enquanto Eça fica em Paris com os outros filhos, que são atacados pela escarlatina. Com a sua saúde agravada, a 28 de Julho, parte para a Suíça, via Genève, com Ramalho Ortigão. Instalado no Hotel du Righi Vaudois encontra o amigo Eduardo Prado e mulher. Os amigos do escritor seguem para Itália. Ficando pior, decide regressar a Paris, a 9 de Agosto. A 11 de Agosto chega a Paris, morrendo no dia 16 na Avenue du Roule, às 16h35m. Em Setembro, o corpo é trasladado para Portugal, realizando-se os funerais para o cemitério do Alto de S. João em Lisboa. Já em 1989 é trasladado para o cemitério de Santa Cruz do Douro, em Baião. Os restos mortais de Eça de Queiroz foram trasladados para o Panteão Nacional em Lisboa no dia 8 de janeiro de 2025, após anos de debate e disputas judiciais. A cerimónia de trasladação foi solene e encerrou uma longa controvérsia que envolveu a família, o Parlamento Português e o Supremo Tribunal Administrativo.

